



PSICANÁLISE

Donald Meltzer

O claustro

Uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos

Blucher

KARNAC

O CLAUSTRO

Uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos

Com um ensaio de Meg Harris Williams
“Equívoco de Macbeth, ambiguidade de Shakespeare”

Donald Meltzer

Tradução
Maristela Spera Martins

Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.

Título original: *The Claustrom: An Investigation of Claustrophobic Phenomena*

© 2008 Donald Meltzer

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisora gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N. Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Meltzer, Donald.

O claustro : uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos / Donald Meltzer; tradução de Maristela Spera Martins; com um ensaio de Meg Harris Williams : "Equívoco de Macbeth, ambigüidade de Shakespeare". – São Paulo : Blucher, 2017.

266 p.

ISBN 978-85-212-1196-9

Título original: *The Claustrom: An Investigation of Claustrophobic Phenomena*

1. Projeção (Psicologia) 2. Identificação projetiva 3. Identidade (Psicologia) 4. Psicanálise 5. Narcisismo I. Título. II. Williams, Meg Harris, 1951. III. Martins, Maristela Spera.

17-0635

CDD 150.197

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Parte I

| | |
|---|----|
| Introdução | 9 |
| 1. A visão de Melanie Klein sobre identificação projetiva | 13 |
| 2. Revisão de publicações anteriores | 21 |

Parte II

| | |
|---|-----|
| 3. A dimensão geográfica do aparelho mental | 81 |
| 4. A segmentação da mãe interna | 87 |
| 5. A vida no claustro | 99 |
| 6. Problemas técnicos do claustro | 135 |

Parte III

| | |
|---|-----|
| 7. Saída de dentro do claustro <i>versus</i> mudança de consciência | 151 |
| 8. O papel do claustro na irrupção da esquizofrenia | 159 |
| 9. Acerca da onipresença da identificação projetiva | 173 |
| 10. Sintomatologia <i>versus</i> caracterologia – o processo psicanalítico | 185 |
| 11. O claustro e a adolescência | 195 |
| 12. O claustro e as perversões/adicções | 203 |
| 13. O claustro e a política | 209 |
| Equívoco de Macbeth, ambiguidade de Shakespeare <i>Meg Harris Williams</i> | 217 |
| Índice remissivo | 257 |

1. A visão de Melanie Klein sobre identificação projetiva

Embora seu trabalho anterior tenha gerado a marca de uma ênfase sobre a concretude da realidade psíquica e, portanto, sobre objetos internalizados (os elementos estruturais do superego) e tenha estabelecido que os mecanismos de defesa são implementados por fantasias inconscientes, somente no trabalho de 1946 sobre os mecanismos esquizoides Melanie Klein passou a seguir um caminho que claramente se distinguiu do trabalho de Freud, seguindo uma direção que já estava indicada por Abraham em *Short study of the libido*.¹ Embora ela nunca tivesse abandonado a distinção entre as pulsões² de vida e de morte, seus métodos de descrição afastaram-se cada vez mais de priorizar a diferenciação entre ego e id nos fenômenos clínicos e seguiram em favor de falar do *self*. Esta fase foi inaugurada pela descrição dos processos de clivagem, em que partes do *self* não somente incorporaram aspectos do id, mas também aspectos do objeto interno (“Narrative”, notas à 24ª sessão).³

A investida de “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” é, como o próprio título sugere, em direção à definição dos mecanismos característicos da posição esquizoparanoide; portanto, sobre a primeira parte do primeiro ano da vida pós-natal, e consequentemente a fonte de pontos de fixação, em seu ponto de vista, para as psicoses: as esquizofrenias, a paranoia e os estados maníaco-depressivos. Os medos persecutórios decorrentes dos impulsos sádico-orais do bebê, de assaltar o corpo materno e retirar os conteúdos bons, bem como dos impulsos sádico-orais de pôr dentro da mãe os próprios excrementos (inclusive o desejo de introduzir-se em seu corpo, para de dentro controlá-la) são de grande importância para o desenvolvimento da paranoia e da esquizofrenia. (p. 293, *Works III*).⁴

É preciso lembrar que naquele momento ela identificava os processos de clivagem mais arcaicos como passivos. Parece-me haver “uma tendência do ego a se despedaçar”, na medida em que este mesmo ego se adapta à falta de coesão advinda da pressão desta ameaça (p. 296).⁵ A clivagem ativa foi descoberta provavelmente como um desenvolvimento posterior. De grande importância foi também sua descoberta que *self* e objetos clivam, despedaçam ou são ativamente clivados, simultaneamente. “Acredito que o ego é incapaz de clivar o objeto, interno e externo, sem que ocorra uma clivagem correspondente dentro dele.” (p. 298).⁶ Ela parece não considerar a situação consoante: poderia o ego clivar a si próprio sem clivar seus objetos? Em sua descrição “ego” e “*self*” a princípio se alternam, gradualmente dando preferência para “clivar o *self*” quando ela passa a explicar sua visão sobre a importância desses conceitos em relação ao narcisismo. “Na medida em que a mãe passa a conter as partes más do *self* ela não é sentida como um indivíduo separado, e sim como sendo o *self* mau.” (p. 300).⁷ Esta mudança de “vicissitudes das pulsões” para uma visão “estrutural”

do narcisismo, chamada “organização narcísica” por Rosenfeld, caracteriza as descrições de Melanie Klein a partir deste momento. Esta mesma consequência narcísica pareceu resultar da clivagem e projeção “excessivas” de partes boas do *self*: “partes boas da personalidade são sentidas como perdidas, e dessa maneira a mãe se torna o ideal do ego”⁸ (não recorro sua última utilização dessa distinção; talvez tenha seguido o primeiro emprego de Freud de ideal de ego). Estas foram as primeiras descrições da identificação narcísica. O que ela quis dizer ao utilizar um termo quantitativo como “excessivamente” é enigmático. Em outro lugar parece querer dizer principalmente “de forma agressiva”, embora não necessariamente “de forma destrutiva”. Contudo, a questão principal da estrutura é um pouco confusa quando Sra. Klein adota a ideia de ego de Paula Heimann como “incapaz de assimilar seus objetos internos”.

A concepção de identificação projetiva em “Notas” é muito pouco esclarecida pelo trabalho “Sobre a identificação” (1955), pois mesmo a conclusão de que essa fantasia opera exclusivamente sobre objetos externos é um pouco equivocada pela incerteza se os acontecimentos nos três dias que precederam a morte de Fabian aconteceram no mundo externo ou em um sonho de seu delírio terminal devido à sua doença cardíaca. De fato, muito pouco é acrescentado sobre esse fenômeno (há somente uma pequena alusão em “Inveja e gratidão”, de 1957) até as notas na “Narrativa” (publicadas após sua morte). Esta fenomenologia clínica é apenas insinuada; a claustrofobia é vista somente da perspectiva do sentimento aprisionado no interior da personalidade do objeto da identificação projetiva, enquanto a relevância dos mecanismos esquizoides para as psicoses é descrita principalmente pelo ponto de vista da integração-desintegração e da regressão para a posição esquizoparanoide.

Mesmo as notas na “Narrativa” nos dão uma noção empobrecida a respeito do alcance do significado clínico desse conceito. Claramente, no final dos anos cinquenta, quando ela estava escrevendo a “Narrativa”, sua concepção de identificação projetiva como um mecanismo psicótico foi alterada:

Na mesma hora Richard havia expressado sua internalização voraz da mãe, de mim, na verdade de todos, pelo seu desenho da estrela-do-mar-império. Agora, o contorno vermelho representava o processo de identificação projetiva. A parte voraz dele mesmo – a estrela-do-mar – tinha invadido a mãe; e a ansiedade de Richard, os sentimentos de culpa e de compaixão relacionavam-se ao sofrimento da mãe, ocasionado tanto por sua intrusão como pelo pai mau que a danificava e controlava internamente. A meu ver, os processos de internalização e de identificação projetiva são complementares e operam desde o início da vida pós-natal, determinando de maneira vital as relações de objeto. A mãe pode ser sentida como sendo incorporada juntamente com todos os seus objetos internalizados; e também o sujeito, que entra dentro de outra pessoa, pode ser sentido como levando consigo seus objetos (e suas relações com estes). A exploração mais extensa das vicissitudes das relações de objeto internalizadas, que em cada etapa se acham relacionadas aos processos de identificação projetiva, deve, a meu ver, lançar alguma luz sobre o desenvolvimento da personalidade e das relações de objeto.

(Narrative, p. 115, Works IV)

O significado de “complementar” é de alguma forma esclarecido por uma nota posterior: “a diminuição da violência da identificação projetiva implica, por sua vez, a diminuição dos mecanismos e defesas esquizoides e paranoides e uma maior capacidade de elaborar a posição depressiva” (p. 250, nota da 51ª sessão) e “Este [i.e. desenho 49, a águia-império usando um casaco, mostrando apenas sua face, como demonstrou Richard] é um exemplo de identificação projetiva, a que se segue de imediato, ou talvez simultaneamente, a internalização” (p. 279, nota da 56ª sessão).

Esta ideia de que a identificação projetiva e a internalização são “complementares”, uma “que se segue de imediato” pela outra, talvez “simultaneamente”, parece nos levar inexoravelmente em direção a um reconhecimento da invasão de objetos que já estão internalizados, mas não chega a afirmar isso. Isto está mais fortemente insinuado quando o processo de identificação projetiva é relacionado com a masturbação: “medos referentes ao interior do corpo da mãe, particularmente a luta travada com o pênis do pai no interior da mãe e em sua vagina ... referente à masturbação surgiram como consequência da análise da intensa perseguição interna” (p. 165, nota da 34ª sessão). É claro que a análise foi empreendida em 1940 e o trabalho clínico não reflete um conceito completamente formado de identificação projetiva. Além disso, nas notas, a Sra. Klein é geralmente relutante em reformular o material mantido com olhares posteriores. Mas está claro que as manifestações de ansiedades claustrofóbicas relacionadas à sala de brinquedo ou quando ele vai a algumas poucas sessões à hospedagem dela não foram vistas como evidências da operação da identificação projetiva.

Em contrapartida as notas à “Narrativa” ampliam e esclarecem o *insight* da Sra. Klein sobre o efeito no desenvolvimento da personalidade e das relações de objeto formadas por identificação projetiva de partes boas do *self*:

Eu sugeriria que um objeto bom firmemente estabelecido, o que pressupõe um amor por ele também firmemente estabelecido, dá ao ego um sentimento de riqueza e abundância, que faculta um extravasamento de libido e a projeção de partes boas do self no mundo externo sem que surja uma sensação de esvaziamento. O ego pode então sentir também que é capaz de reintrojetar o amor que distribuiu, assim como internalizar o bom de outras fontes e, dessa forma, ser enriquecido por todo o processo.

(On Identification, p. 144, Works III)⁹

Este círculo benigno de identificação projetiva e reintrojeção parecia estar conectado, em sua opinião, com o fato de as partes combinadas do seio e do pênis do pai estarem “perdendo sua força” (nota à 85ª sessão) e uma “maior confiança na bondade dos pais combinados” (nota à 91ª sessão). Não está claro se ela sentia que esse progresso era trazido pelo afastamento das partes más projetadas pelo abrandamento da inveja através de experiências boas ou pela clivagem e idealização do *self* e dos objetos. O trabalho clínico sugere os três.

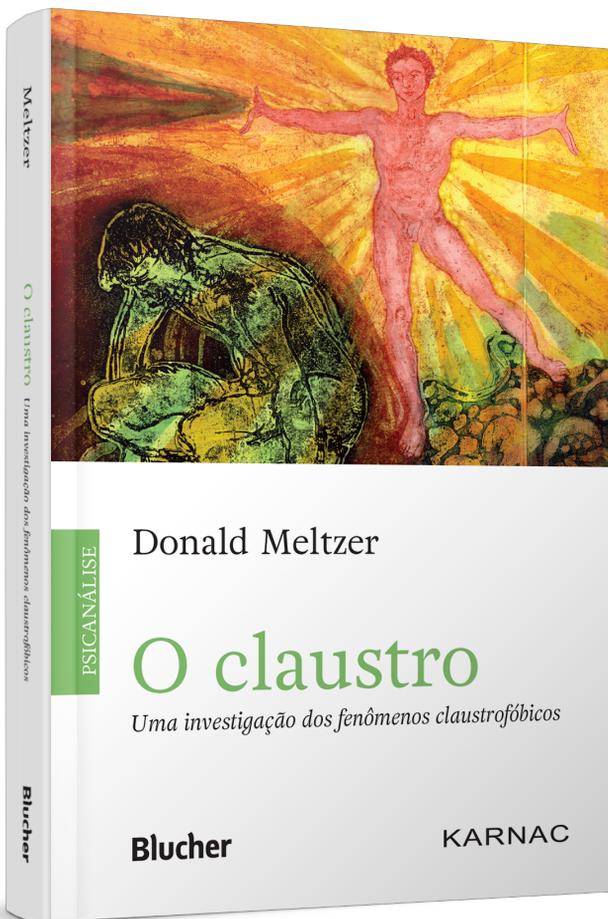
Finalmente Sra. Klein expressa algumas observações sobre as maneiras pelas quais a clivagem e a identificação projetiva excessivas levam à introjeção indiscriminada e à falta de integração do *self*: “A introjeção indiscriminada de várias figuras é, em minha opinião, complementar à intensidade da identificação projetiva que leva ao sentimento de que partes do *self* encontram-se espalhadas – um sentimento que por sua vez reforça essas identificações indiscriminadas” (nota à 79ª sessão). O material clínico sugere que ela tem em vista os processos de participação grupal e até do fenômeno adolescente.

Nessas notas à “Narrativa”, a Sra. Klein é relutante em vincular os achados teóricos às categorias de psicopatologias encontradas em pacientes adultos. Há indícios, contudo, de que ela concebe a identificação projetiva como tendo um papel na homossexualidade masculina, na promiscuidade e na inveja paranoide. Muitas contribuições estavam surgindo de outros colaboradores durante sua vida em relação às implicações clínicas da operação da identificação projetiva nos estados depressivos e maníacos, na hipocondria, nos estados confusionais e nas doenças esquizofrênicas (Segal, Rosenfeld, Bion e outros). Este papel nos processos de comunicação tornou-se um problema central nos anos seguintes, particularmente nos escritos de Bion, Betty Joseph, Money-Kyrle e outros. Todos eles pertencem aos que preenchem o modelo kleiniano da mente. O que se segue nos capítulos posteriores provavelmente deva ser considerado parte do modelo pós-kleiniano por parecer ir muito além de qualquer coisa que Melanie Klein concluía em suas formulações e uso do conceito de identificação projetiva, e talvez possa ficar fora de qualquer coisa com a qual ela teria concordado.

Notas

1. Abraham, K. *Teoria psicanalítica da libido*. Sobre o caráter e o desenvolvimento da libido. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
2. Optamos por traduzir *instinct* por *pulsão* seguindo as retraduições das obras de Freud e a tradução de Jean Laplanche (*pulsion*).
3. O autor refere-se às notas de Melanie Klein inseridas à 24ª sessão da análise de Richard, situada no volume 4 de suas *Obras Completas*, publicadas em 1991 pela Editora Imago.

4. Na tradução brasileira, pela Editora Imago: “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” in *Obras Completas de Melanie Klein*, volume 3, 1991, p. 21.
5. *Ibidem*, p. 24.
6. *Ibidem*, p. 25.
7. *Ibidem*, p. 27.
8. *Ibidem*, p. 28.
9. Na edição brasileira: “Sobre a identificação”, *Obras Completas de Melanie Klein*, volume 3, p. 173.



Clique aqui e:

Veja na loja

O Claustro

Uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos

Donald Meltzer

ISBN: 9788521211969

Páginas: 266

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017